



Recensão a *Futuro ancestral*, de Ailton Krenak

Helena Thomassim Medeiros

Práticas da História, n.º 19 (2024): 375-383

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

Ailton Krenak


Futuro ancestral

São Paulo: Companhia das Letras, 2022, 122 pp.

Helena Thomassim Medeiros*

O livro *Futuro ancestral*, de Ailton Krenak, publicado em 2022, explora temas centrais como ecologia, política e a interação entre seres humanos e meio ambiente, revelando questões profundamente entrelaçadas com o capitalismo. Krenak argumenta sobre a urgência de desenvolver modos de existir que assegurem a preservação da vida em suas diversas formas. É importante destacar que a expressão “futuro ancestral” está vinculada a um projeto mais amplo denominado “Selvagem, um ciclo de estudo sobre a vida”, que é orientado pelo autor. Este livro é uma coletânea de diferentes discursos de Krenak organizada por Rita Carelli.

Ailton Krenak é filósofo, originário da etnia krenaque e ativista do movimento socioambiental. Sua atuação no movimento indígena, nas décadas de 1970 e 1980, contribuiu para a criação da Constituição Federal Brasileira de 1988. Organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que surge em meados da década de 1980 e, em 2016, recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora. No ano de 2024, foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras. Krenak também é autor dos livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *A vida não é útil* (2020) e *O amanhã não está à venda* (2020).

* Helena Thomassim Medeiros (helena_tm@outlook.com).  <https://orcid.org/0000-0001-6764-0182>. Universidade Federal de Pelotas, Rua Almirante Barroso, 1202 Campus II - Sala 312 96010-280 Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Receção da revisão original: 12-09-2024. Receção da versão revista: 15-11-2024. Aceitação: 18-11-2024.

A obra *Futuro ancestral* está dividida em cinco capítulos. No primeiro, “Saudações aos rios”, o autor reflete sobre a relação da humanidade com os rios, a água enquanto elemento fundamental da vida. Dá exemplos de grupos que vivem com a água, coexistindo e não impondo sua presença, mas os respeitando enquanto seres. Em nossa sociedade usamos esse elemento para a indústria, para gerar o mesmo dinheiro que adocece os animais e as pessoas. Krenak aponta que os rios precisaram se esconder para sobreviver, encontrando novas rotas, mas que são feridos por nossa sede de exploração.

A ideia expressa pelo autor no capítulo em questão pode ser sintetizada da seguinte forma: nós somos água, nosso estilo de vida mutila e adocece a nós mesmos. Os rios são seres vivos, entidades que nos abençoam com alimentos, nutrem nosso solo, aplacam a sede, somos parte disso, mas eles vão continuar existindo, ao passo que nós somos efêmeros. Sendo assim, precisamos aprender a respeitar esses seres, não buscar dominá-los ao ponto de colocar em risco nossas próprias vidas e o futuro das próximas gerações.

Após explorar a importância dos rios, Krenak volta sua atenção para as narrativas de origem, apontando que diferentes cartografias visam entender as camadas plurais do mundo, em “Cartografias para depois do fim”, segundo capítulo da obra. A partir da percepção de que estamos vivendo o *Capitaloceno* no qual, segundo Donna Haraway, passamos a usufruir de forma predatória dos recursos naturais do planeta ao implementar a lógica econômica do capitalismo, na qual o lucro é o principal objetivo e não a vida, apresentando uma narrativa de fim, sugerindo que o modo como vivemos atualmente é insustentável.¹ Enquanto contraponto, podemos entender o conceito de *cartografia afetiva*, que entende o território como um espaço formado por processos de identificação e afetos, profundamente ligado aos seus habitantes e culturas.

1 Donna Haraway, “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes”, *ClimaCom Cultura Científica* 3, n.º 5 (2016), https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf.

Defendendo uma percepção de que não há fronteira entre o humano e outros seres, Krenak descreve que, para o povo Kuna, no Panamá, a criança chega como uma árvore. Enterra-se o cordão umbilical deste novo ser ao plantar uma nova árvore “[...] então criança e planta compartilham o mesmo espírito”². Demonstrando que, mesmo com narrativas que levam a uma percepção de finitude, há também aquelas que se percebem enquanto parte do mundo.

O autor utiliza o conceito de *confluências*, trazido por Antônio Bispo dos Santos – Nêgo Bispo –, que articula convergências e divergências. Segundo Bispo, “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. [...] A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia”³. Compreendendo que o passado, o genocídio, a escravidão, o colonialismo imposto não pode ser apagado, mas que, sem negar ou esquecer esses processos, é possível encontrar novos caminhos. Krenak, ao final do capítulo, propõe nos transfigurarmos, como as folhas, a partir das cartografias afetivas, das confluências, entendendo as diferenças, não ignorando-as.

Em “Cidades, pandemias e outras geringonças”, o autor inicia sua reflexão apontando que a mentalidade de que a dor ensina seria uma perspectiva branca e que a pandemia, bem como o sofrimento dos povos, não pode ser percebida desta forma. Ressalta que há um medo das florestas, o fato de vivermos uma sociedade que se preocupa em demasia com uma vida sanitária, contrapondo cidade e natureza, mesmo que, muitas vezes, nos centros urbanos as comunidades não tenham acesso nem mesmo ao saneamento básico.

No texto “Os involuntários da pátria”, Eduardo Viveiros de Castro reflete sobre as tentativas de “desindianizar” o Brasil e como esse processo está relacionado com a miséria da população. Mencionando que a separação da terra era vista como essencial para criar o cidadão,

2 Ailton Krenak, *Futuro ancestral* (São Paulo: Companhia das Letras, 2022), 39.

3 Antônio Bispo dos Santos, *A terra dá, a terra quer* (São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023), 4-5.

ao passo que a pobreza desse também é motor para a manutenção do capitalismo, que se alimenta das desigualdades, assim, retirar o acesso dos povos indígenas à terra, aos recursos naturais, serviu para torná-los pobres.⁴

Seguindo essa lógica percebemos o fio condutor de todo o livro de Krenak: o futuro é ancestral, na medida em que o sistema capitalista não é sustentável; para imaginarmos um futuro que ainda não existe é necessário aprender com o passado. Os recursos naturais são finidos, as pessoas e sua qualidade de vida (tão legitimadas enquanto justificativa para o suposto progresso das sociedades) sofrem, são apartadas de seus territórios e culturas.

O autor aponta que não é mais possível ter cidades que se configuram como *pólis* do mundo antigo, nas quais uma parte de nossa sociedade tenta se “proteger” e isolar através de muros, percebendo tudo de fora desta, ou que não comungue do seu entendimento da vida, como selvagem, gerando mecanismos de exclusão e marginalização. Para Krenak, o termo selvagem é visto como sinônimo de vida, onde há processos, há seres vivos de diferentes formas que precisam ser respeitados.

A ânsia higienista transforma as cidades em cemitérios, onde tentamos ao máximo esquecer a essência humana, fingir que somos separados, assépticos. A arquitetura hostil das capitais, os processos de gentrificação⁵, a preocupação com a separação entre a cidade e a floresta vem mascarar processos de segregação, onde se produz pobreza. Levando-nos a discutir o conceito de *necrocapitalismo*⁶, no qual observamos um viés sádico do capitalismo, compreendemos que vivemos em um sistema no qual há vidas que são mais valoradas que outras. Em momentos como o da pandemia de covid-19, esse sistema determinou muitas mortes. No caso brasileiro, tivemos um acréscimo que foi o ge-

4 Eduardo Viveiros de Castro, “Os involuntários da pátria”, *ARACÊ – Direitos Humanos em Revista* 5 (2017): 191, <https://arace.emnuvens.com.br/arace/article/view/140>.

5 Daniel Luciano Gevehr e Franciele Berti, “Gentrificação: uma discussão conceitual”, *Revista Políticas Públicas & Cidades* 5, n.º 1 (2017): 85-107, <https://journalppc.com/RPPC/article/view/182>.

6 Subhabrata Bobby Banerjee, “Necrocapitalism”, *Organization Studies* 29, n.º 12 (2008).

nocídio sistemático de populações relacionados a escolhas do Estado⁷, representado por políticos e partidos de direita que defendem a privatização e o lucro acima das vidas.

Segundo Krenak, há outras formas de urbanidade que poderiam ser evocadas, para além das *pólis* gregas e romanas; maias e astecas são exemplos de povos que entendem a urbanidade como uma forma de vivenciar as dinâmicas coletivas. Ele acredita que precisamos repensar o modo como vivemos em sociedade, mas é possível reflorestar esses ambientes e ver a vida emergir dessas estruturas.

Partindo, então, dessa busca por convergências, no capítulo “Alianças afetivas” vemos uma discussão a partir do conceito de *florestania*. Segundo Francisco de Moura Pinheiro, a palavra é um neologismo que mistura “floresta” e “cidadania”, começou a ser mais utilizada no final da década de 1980, foi adotada por movimentos indígenas, seringueiros e interessados em preservar as florestas, especialmente frente à excessiva exploração dos recursos naturais da Amazônia.⁸

Krenak relembra que o conceito nasceu em meio aos conflitos gerados por um projeto, ainda na década de 1970, na Ditadura Militar, que iria fragmentar a floresta, construir estradas, privatizar e colonizar o local. Todavia, movimentos organizados de trabalhadores, ao lado de Chico Mendes (assassinado em 1988) impediram a entrada na Amazônia. A Aliança dos Povos da Floresta, criada em 1980, surge em meio a esse contexto e reunia lideranças indígenas que lutavam pela demarcação de terras e reservas extrativistas. Segundo o autor, essa união foi possível através da eliminação da figura do patrão, em busca de uma igualdade política.

Todavia, o autor vai apontar que a igualdade é ilusória. O termo política seria um derivado de *pólis*, trazendo a perspectiva de um grupo de

7 Guillierme Chervenski Figueira, “Povos indígenas e a pandemia Covid-19 no Brasil: um genocídio anunciado”, *Ipê Roxo* 2, n.º 1 (2020), <https://periodicosonline.uems.br/index.php/iperoxo/article/view/5466>.

8 Francisco de Moura Pinheiro, “A invenção da florestania: a participação da mídia acreana na construção de um novo discurso ideológico” (Tese de doutorado, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 2013), 22, https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_d8120b2a13d-46381657572fdbaf0f0ce3.

iguais, no qual a cultura é reivindicada. Krenak traz sua reflexão para o termo *selvagem* e sua relação com a natureza enquanto contraponto, pois aponta que a igualdade também pode ser opressora. Desta forma, nos apresenta o conceito de *alianças afetivas* “que pressupõe afetos entre mundos não iguais. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser, introduz uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar calçado.”⁹

Defendendo uma descentralização do humano, mas compreendendo que outros afetos são possíveis e que sem essas conexões não criamos ligação com a terra e os outros seres que habitam o planeta, permitindo que adoeçam em busca do lucro, Krenak intercede a favor de uma reinterpretação da democracia, alertando que, assim como a liberdade e a integridade de um povo, ela está sempre sujeita a ataques.

O ano de 2020 é apontado pelo autor como um marco para a negação identitária do povo brasileiro, quando os símbolos da nação são apropriados por grupos autoritários. Acrescenta-se que esse processo se inicia anos antes, com uma crescente polarização política desde 2016, quando ocorre o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, levando a quadros assustadores de violência, opressão, descaso com a vida e com as outras formas de existir (ainda estamos vivenciando os reflexos deste momento amedrontador, ligado em muito à colonialidade). Ao adotar a ideia de que os estados-nação são limitados, buscam uma identidade que muitas vezes é a do colonizador e não de seu povo, seria necessário oxigenar os espaços políticos, assim como nossos rios, para que possam continuar a cultivar a vida. Desta forma, o autor defende a opinião que um Estado plurinacional seria essencial.

O quinto e último capítulo, “O coração no ritmo da terra”, discute a importância da educação para o futuro. Entretanto, não é uma educação da perspectiva de que devemos moldar o ser, como se ele fosse uma casca vazia. Mas percebendo que práticas dos povos antigos das Américas compreendiam que se faz a produção da pessoa e não se mol-

9 Krenak, *Futuro ancestral*, 82.

da, entendendo que o ser é a essência de tudo e que, ao chegarmos no mundo, já somos. Sendo assim, tentar formar alguém para que possa ser útil – como fazemos em nossas sociedades, onde a educação é parte do sistema capitalista – é uma violência.

O autor defende que pelo sistema em que vivemos a infância é encurtada, há o estímulo da competitividade. Krenak menciona que, na antroposofia, os sete primeiros anos das pessoas são fundamentais e que nesse período eles deveriam ser livres para experienciar a vida, sem moldes. Posto que é nesse processo que fazem sua cartografia do mundo, reconhecendo os lugares e os seres, criando conexões que serão essenciais para que se entendam enquanto adultos.

Deveríamos entender e respeitar a presença dos outros seres e a própria Terra como organismo maior. O mundo como vivemos atualmente se alimenta da competitividade, retirando a autonomia dos seres desde que nascem. A experiência de educação indígena demonstra a investigação coletiva como parte do aprendizado e defende que a escola deveria ser um local para a troca geracional, onde respeita-se e aprende com os ancestrais. Segundo o autor, as crianças Krenak, querem ser antigas, pois valorizam aqueles que contam histórias, lhes ensinam sobre arte, medicina e sobre viver a vida, elas “aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo. Esse é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra”¹⁰.

Futuro ancestral alerta para problemas atuais, mas também reflete sobre mundos possíveis, oferecendo caminhos para a reconciliação com a natureza. Essas ações vão desde a compreensão de nossa ligação com a terra e os outros seres que a habitam até uma percepção de continuidade, em que aprendemos a escutar as novas gerações para que elas também tenham um futuro. Krenak nos desafia a repensar nossas práticas e a buscar um futuro que respeite a sabedoria ancestral, fundamental para garantir a sustentabilidade e a justiça social.

10 Krenak, *Futuro ancestral*, 117-118.

É interessante observar que, apesar da linguagem acessível, que remete a uma conversa informal, a obra é rica em referências a lugares, momentos históricos, figuras políticas e diferentes realidades que formam nossa sociedade. O Brasil é heterogêneo e beber de tantos exemplos enriquece e complexifica essa compreensão do mundo, o que o autor nos demonstra com o título: futuro é ancestral na medida em que, para o alcançarmos, precisamos nos reconectar com o mundo, com a terra, com a essência humana, da qual nos afastamos ao longo do processo tido como civilizatório.

Krenak também aborda o conceito de *bem-viver*, que os quéchuas chamam de *Sumak Kawsay* – benvivir –, que representa uma cosmovisão dos povos ameríndios, em especial os habitantes da cordilheira dos Andes, que está ligada ao equilíbrio, à sustentabilidade. O respeito aos seres é parte essencial para essa permanência, a imposição, competição e ânsia consumista nos afastam desse objetivo maior. Sendo assim, nos cabe retornar e entender que o sentido de partilhar é essencial para a vida. Desta forma, não há como discordar que o futuro, para poder existir, tem que ser ancestral.

BIBLIOGRAFIA

Banerjee, Subhabrata Bobby. “Necrocapitalism”. *Organization Studies* 29, n.º 12 (2008): 1541-1563.

Castro, Eduardo Viveiros de. “Os involuntários da pátria”. *ARACÊ – Direitos Humanos em Revista* 5 (2017): 187-195. <https://arace.emnuvens.com.br/arace/article/view/140>.

Figueira, Guillierme Chervenski. “Povos indígenas e a pandemia Covid-19 no Brasil: um genocídio anunciado”. *Ipê Roxo* 2, n.º 1 (2020): 95-110. <https://periodicosonline.uems.br/index.php/iperexo/article/view/5466>.

Gevehr, Daniel Luciano, e Franciele Berti. “Gentrificação: uma discussão conceitual”. *Revista Políticas Públicas & Cidades* 5, n.º 1 (2017): 85-107. <https://journalppc.com/RPPC/article/view/182>.

Haraway, Donna. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes”. *ClimaCom Cultura Científica* 3, n.º 5 (2016): 139-146. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf.

Krenak, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Pinheiro, Francisco de Moura. “A invenção da florestania: a participação da mídia acreana na construção de um novo discurso ideológico”. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica, 2013. https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_d8120b2a13d46381657572fdb0f0ce3.

Santos, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Referência para citação:

Medeiros, Helena Thomassim. “Recensão a *Futuro ancestral*, de Ailton Krenak”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 19 (2024): 375-383. <https://doi.org/10.48487/pdh.2024.n19.37626>.